Roteiro Episódio 1
"Desigualdades, Raça e Meio Ambiente no Rio de Janeiro: por que falar em racismo ambiental é tão urgente?"

1º BLOCO: Abertura do podcast e Introdução do tema do episódio

Apresentadora __: Este é o PETCAST, um podcast produzido pelos bolsistas do programa PET/TEPP do Instituto de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. O projeto conta com apoio do Instituto, mas lembramos que todo o conteúdo reproduzido é de responsabilidade dos bolsistas e não reflete posicionamento institucional.

Inserção: 53 segundos

"Em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, o cenário ainda é de destruição. Mais de 450 pessoas estão desalojadas e os moradores contabilizam os prejuízos"
Minutagem: (0:00 - 0:10) → https://youtu.be/uOEYlfFIHjo?si=EssyelypKc_N_WXd (Os prejuízos em Nova Iguaçu mais de 40 horas após as chuvas)

"Bangu, 40 graus. Os moradores da região se viram como podem para driblar o calor"
Minutagem: (0:00 - 0:08) → https://youtu.be/WaFEnsViAog?si=OSRRBNaR0lR7GfXL (Moradores de Bangu (RJ) sofrem com calor extremo)

"A sirene indica que a chuva deve apertar e que novos deslizamentos podem acontecer. Quem mora no Morro da Oficina tem pavor só de ouvir a chuva."
Minutagem: (0:14 - 0:26)→https://youtu.be/DolCNiK10Nk?si=YiUYPpUJSEcIglX8 (Petrópolis: moradores do Morro da Oficina se preocupam com chuvas)

"O temporal de ontem à noite deixou alagadas ruas do bairro Lote XV em Belford Roxo, na Baixada Fluminense. Foi a terceira enchente que os moradores enfrentaram desde novembro."
Minutagem: (0:01 - 0:11) https://youtu.be/JwtOPtFIrRw?si=4iMXAhpXlTs89qwt (RJMÓVEL ENCHENTE LOTE XV PARQUE AMORIM em BELFORD ROXO - Jan2010)

"Quarenta horas depois das chuvas, esse ainda é o cenário em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense (...) nas portas das casas, entulhos, lixos e móveis sujos de lama destruídos."
Minutagem: (0:11 - 0:18) e (0:23 - 0:29) → https://youtu.be/uOEYlfFIHjo?si=EssyelypKc_N_WXd (Os prejuízos em Nova Iguaçu mais de 40 horas após as chuvas)

Apresentadora __: Aqui no Rio de Janeiro, manchetes como essa já parecem até comuns… Quantas vezes a gente já não ouviu algum jornalista na TV dando notícias sobre chuvas fortes e enchentes? E sobre o calor extremo? Sobre deslizamentos de terra?

Quando uma chuva forte cai, quem é que perde tudo e tem que recomeçar a vida do zero? Quem segue sentindo os efeitos da chuva quarenta horas depois? E quarenta dias? Quando entramos na estação do "Rio 40^0 C", quem tem ar condicionado para se refrescar? E quem fica debaixo do Sol? Quem mais sente na pele o efeito das mudanças climáticas? E o que as desigualdades econômicas, sociais e raciais têm a ver com essa discussão?
Para responder a essas e uma série de outras perguntas, no episódio de hoje do PETCAST vamos conhecer juntos o que é o racismo ambiental e como ele se manifesta na realidade do estado do Rio de Janeiro.

(Vinheta)

2^0 BLOCO: Introdução ao conceito de Racismo Ambiental e contexto macro

Apresentadora __: Para iniciar, gostaria de compartilhar uma frase marcante da escritora e ativista Carolina Maria de Jesus, que em seu diário relatou a dura realidade da desigualdade social:

> Às oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade, tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela, tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo (JESUS, 1961, p. 33).

Quando a gente fala sobre questões ambientais, nem sempre pensamos em quantas outras questões estão envolvidas, né? Muitas vezes, ao ouvir sobre o meio ambiente, a primeira coisa que vem à cabeça é a preservação da natureza, afetadas pelas mudanças climáticas e pela poluição. Mas a realidade vai muito além disso. Na verdade, as questões ambientais se entrelaçam com problemas sociais, econômicos e raciais. E esses diferentes atravessamentos nos mostram que a degradação ambiental afeta as pessoas de formas diferentes, dependendo de fatores como raça, gênero, classe social e onde vivem. E é exatamente nesse ponto que entra o conceito de racismo ambiental.

Apresentadora __: E quando falamos sobre esse conceito, o marco desse debate foi nos Estados Unidos com Benjamin Franklin Chavis, um líder afro-americano pelos direitos civis, que cunhou o termo "racismo ambiental" na década de 1980. Naquele período, os Estados Unidos enfrentavam uma intensa luta por justiça racial, com as comunidades negras se mobilizando contra diversas formas de discriminação sistêmica.

Chavis era formado em Química e começou a investigar como as questões ambientais se relacionavam com as questões raciais, especialmente ao perceber um padrão recorrente, em que instalações de resíduos tóxicos e perigosos, como lixões e fábricas, eram frequentemente localizadas em áreas habitadas por populações majoritariamente negras, latinas e de outras minorias. Ele viria a utilizar o termo racismo ambiental pela primeira vez durante uma mobilização contra a instalação de um depósito de lixo tóxico no condado de Warren, na Carolina do Norte. O governo estadual planejava despejar substâncias altamente tóxicas em uma área de maioria negra.

É por isso que podemos entender o racismo ambiental como uma forma de imposição de desastres ambientais ou danos ecológicos desproporcionais em comunidades de cor. Chavis explicou que essas populações são, de forma deliberada, colocadas em áreas de maior risco ambiental e, além disso, são excluídas das decisões políticas e regulatórias sobre o meio ambiente. Isso significa que essas pessoas, em geral, têm pouca ou nenhuma participação na criação de políticas públicas que poderiam protegê-las dos danos ambientais.

Quando falamos de racismo ambiental, então, tratamos das injustiças sociais e da degradação ambiental que afetam desproporcionalmente grupos marginalizados, como negros, indígenas, quilombolas e moradores de periferias. Grande parte desses grupos, que vivem em condições precárias, são frequentemente relegados a áreas chamadas "zonas de sacrifício", onde enfrentam maiores riscos socioambientais são consideradas descartáveis.

3º BLOCO: Rio de Janeiro

3.1- Do macro ou micro: manifestações do racismo ambiental no Rio de Janeiro

Apresentadora __: Com base na ideia de negligência estrutural, é importante a gente pensar que precisamos amplificar e centralizar as vozes de atores que têm sido sistematicamente silenciados — e isso inclui as comunidades vulnerabilizadas no contexto brasileiro. Embora o termo racismo ambiental tenha origem nos EUA, ele hoje tem sido amplamente difundido e se adapta facilmente à realidade do Brasil e, mais especificamente, do Rio de Janeiro.

Quando falamos sobre mudanças climáticas, é comum ver nas notícias e nas redes sociais a preocupação com o que está acontecendo em outros países. Mas devemos tomar cuidado para não esquecer que as crises climáticas já fazem parte da realidade cotidiana do nosso país. E quando ignoramos essas realidades locais, contribuímos para invisibilizar essas comunidades que estão tão mais perto de nós e já são pouco ou nada atendidas pelas políticas públicas.

Podemos observar um exemplo claro que acontece todo ano durante o verão no Rio de Janeiro. A chuva, que atinge toda a cidade, afeta os bairros de maneira diferente, dependendo da classe social das pessoas que vivem ali. A mesma chuva que não causa problemas em Copacabana pode derrubar dezenas de casas na favela de Acari, fazendo os moradores perderem tudo e, muitas vezes, tirando vidas. Essa situação mostra que o sistema está organizado de uma forma que funciona de forma ineficiente para certas comunidades, escancarando um clássico cenário de racismo estrutural, caracterizado por sua natureza sistêmica.

Quando falamos em racismo ambiental, estamos reconhecendo que as desigualdades não são apenas sociais, mas também raciais. Algumas pessoas podem se perguntar por que não estamos falando só de desigualdade socioambiental. Afinal, a questão é que não se trata apenas da diferença entre áreas nobres e áreas pobres em uma região. O racismo está presente nessas desigualdades, **porque há de fato uma linha de cor,** há um componente racial nessas disparidades, em que as populações mais impactadas historicamente são as populações negras, indígenas e quilombolas.

Ao falarmos sobre o Rio de Janeiro no contexto do racismo ambiental, podemos aplicar esse conceito introduzido por Du Bois de "linha de cor". Isso significa que existe uma barreira social, econômica e política imposta pela segregação e pelo racismo, que vai marginalizar essas populações negras - e ao mencionar populações negras, estamos tratando de pretos e pardos. Podemos ver nitidamente essa divisão que separa os espaços urbanos privilegiados, ocupados majoritariamente por brancos, e as áreas marginalizadas, predominantemente negras e pardas. Historicamente, essa separação se reflete na cidade, onde as favelas e periferias, que abrigam mais comunidades negras, enfrentam problemas como serviços públicos precários, saneamento básico insuficiente, falta de acesso à água potável e riscos ambientais, como deslizamentos de terra e enchentes.

3.2- Contexto histórico urbanístico do Rio de Janeiro

Apresentadora __: Bom, e agora vamos fazer um passeio histórico que vai nos ajudar a entender como as políticas urbanas da cidade moldaram, e ainda moldam, a segregação social e racial. E para abrir essa conversa, vamos trazer novamente um trecho do diário de Carolina Maria de Jesus:

> Em 1948, quando começaram a demolir as casas térreas para construir os edifícios, nós, os pobres que residíamos nas habitações coletivas, fomos despejados e ficamos residindo debaixo das pontes. É por isso que eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós, os pobres, somos os trastes velhos (JESUS, 1961).

Apresentadora __: Esse desabafo da realidade da Carolina de Jesus expõe, infelizmente, a realidade de uma parcela grande da população negra, favelada e periférica que é muito afetada pelo racismo. Racismo estrutural é o racismo que se encontra nas próprias bases da nossa sociedade - nas leis, nas instituições e nas políticas. Ele não depende apenas de atitudes individuais, mas está entranhado nas estruturas de poder e organização social, que historicamente foram moldadas de maneira a favorecer certos grupos e excluir outros. Assim, mesmo sem uma intenção direta, as práticas sociais acabam, muitas vezes, reproduzindo essa desigualdade racial (Almeida, 2019). E isso não é de hoje! Essa lógica vem desde o período escravocrata e se perpetua de forma estrutural na sociedade, e por isso faz sentido hoje, não só aqui, mas em tantos lugares do mundo, pensarmos também a questão do racismo ambiental. Afinal, qual é a cor das pessoas que vemos na TV morrendo nas enchentes, soterradas em deslizamentos, e quais são as pessoas que, quando conseguem sobreviver, têm menos condições de se reerguer? Pois é, em sua maioria, são negras e pobres.

Apresentadora__: Se trouxermos essa discussão para o Rio de Janeiro, ao analisar historicamente como se deu o planejamento urbano, podemos perceber como a parcela mais afetada não está vulnerável por acaso, mas sim como resultado de décadas de políticas urbanas que foram intencionalmente desenhadas para privilegiar uns e marginalizar outros. Desde o século XIX, a cidade já enfrentava problemas graves de habitação, saneamento e epidemias. E, com o passar do tempo, essas questões foram sendo "resolvidas" — entre aspas — por meio de uma série de políticas urbanas desenhadas por e para grupos privilegiados da sociedade.

Apresentadora__: Vamos voltar para o início do século XX, durante a administração do presidente Rodrigues Alves e do prefeito Pereira Passos, famosos por suas drásticas reformas urbanas. O governo queria deixar para trás sua imagem colonial e transformar a então capital, o Rio de Janeiro, em uma "Paris dos Trópicos", seguindo o modelo Belle Époque, a fim de

atingir essa imagem europeizada. Nessa época a cidade tinha cerca de 700 mil habitantes, era a maior cidade do país desde o início do século XIX, e já vinha lidando com problemas em relação ao “inchaço urbano” decorrente das migrações que cada vez mais chegavam da Europa. E, sobretudo, num cenário pós-Abolição da escravatura, que ocorreu em 1888, houve um grande inchaço populacional no Estado do Rio de Janeiro. Que se agravou porque os ex-escravizados foram libertados, mas deixados à margem da sociedade, sem direito à moradia e sem emprego.

Fora os palacetes de Botafogo e Laranjeiras, o cenário urbano era dominado por ruas estreitas, vielas, prédios e cortiços, enquanto nos morros surgiam as primeiras favelas com barracos amontoados. As populações negras e indígenas foram sendo assim sistematicamente marginalizadas, forçadas a ocupar áreas menos valorizadas e mais vulneráveis a desastres naturais, como as zonas pantanosas, que frequentemente eram contaminadas por epidemias de febre tifoide, varíola e febre amarela.

Apresentadora __: Aí começa o que ficou conhecido como o “bota-abaixo”, projeto que demoliu moradias, cortiços e até morros inteiros para construir largas avenidas e edifícios grandiosos, como a Avenida Central, a atual Rio Branco. Os cortiços, essas habitações coletivas majoritariamente povoadas por pessoas pobres, muitas delas negras, eram vistas como focos de doenças e insalubridade pelos higienistas e engenheiros que comandavam as reformas, ou seja, a política de demolição dos cortiços tinha um objetivo claro de reorganizar o espaço urbano para separar as classes sociais e controlar o uso do espaço público, empurrando, assim, para longe o que se via como a massa pobre, negra e mestiça. E a partir dessas derrubadas se deu o processo de migração para áreas periféricas ou para os morros, intensificando o processo de favelização.

Apresentadora __: Quem mais foi prejudicado com essas políticas obviamente foram as populações negras e pobres. Essas reformas, inspiradas no higienismo e em ideais racistas, se voltavam para a imagem de um Brasil "purificado" e "embranquecido". E essa "limpeza" se refletiu no espaço urbano, em que os cortiços estavam sendo destruídos, e os moradores, que já viviam em condições precárias, foram sendo empurrados para a periferia ou para os morros. Mas não houve políticas urbanas para organizar essa migração dessas populações para as áreas periféricas e os morros. O movimento se deu de forma desordenada, e frequentemente, para áreas de alto risco de desastres naturais, como enchentes e

deslizamentos. A ausência do Estado nessas áreas é parte de um projeto de sociedade racista e excludente.

Apresentadora __: Desde a década de 1950, o sociólogo Costa Pinto já observava uma grande segregação étnica nas favelas do Rio de Janeiro, em que a maioria das pessoas que vivem nesses espaços é negra, em comparação com a população branca. Segundo dados do IBASE, publicados em 2022, 67% das pessoas que moram em favelas são negras, o que escancara ainda mais essa realidade de marginalização racial. A situação em relação ao gênero também é alarmante: 6,3 milhões de mulheres brasileiras vivem em favelas, e 69% delas são negras. Isso mostra que as favelas são, em sua maioria, territórios ocupados por pessoas negras.

Apresentadora __: Em 1922, houve outro momento crítico: o desmonte do Morro do Castelo. A cidade estava se preparando para eventos como a visita de monarcas belgas e a comemoração do Centenário da Independência. O resultado? Centenas de pessoas removidas, o centro ainda mais elitizado, e a população pobre, novamente, deslocada para os morros ou para áreas mais distantes. Esse é um exemplo claro de como a modernização do Rio de Janeiro foi construída em cima da exclusão social. Mas o impacto dessa reconfiguração urbana vai além. Ao afastar os pobres e negros das áreas centrais, eles não só perdem o direito à cidade, mas também são excluídos dos benefícios das reformas. Enquanto a elite aproveita as novas praças e avenidas, quem vive nas favelas enfrenta falta de saneamento, moradias precárias e a invisibilidade social. Você consegue imaginar que 72% das pessoas que vivem abaixo da linha da pobreza no Brasil enfrentam, no dia a dia, a falta de acesso regular à água? Isso equivale a cerca de 51 milhões de pessoas que não têm água de qualidade, vivendo com a dificuldade no acesso a algo que deveria ser tão básico (Instituto Trata Brasil, 2023).

Apresentadora __: Para fechar, trago aqui as palavras de Benjamin Costallat, que escreveu sobre esse processo no começo do século XX. Ele dizia que, com o desmonte do Morro do Castelo, uma nova cidade branca surgia. Vou ler um trecho para vocês:

> Puseram um grande e velho morro abaixo e uma nova cidade, a cidade branca, surgiu [...] O velho Castelo agoniza… Vai, pouco a pouco, se esvaindo em terra para o mar, e uma nova cidade, toda branca.[...]A cidade do futuro. Não a cidade do futuro, ou melhor, futurista, concebida pela imaginação fantástica dos engenheiros americanos… Não. A cidade branca não será uma cidade norte-americana; será uma cidade pura e simplesmente brasileira… E ao lado da velha cidade, decrépita e gasta, que sempre pensou com o cérebro alheio, que sempre imitou instituições dos

> outros,… ao lado da velha cidade, ignorante e pernóstica, que bebe chá às cinco, porque Londres assim o faz, e toma ares displicentes porque Paris assim o ordena… que venha a cidade branca e brasileira! — Benjamin Costallat.

Apresentadora __:

Nesse trecho, Costallat está claramente criticando esse apagamento do passado e a criação de uma cidade pensada para imitar a Europa, deixando de lado a realidade e a cultura do Brasil. Ele via esse processo como uma tentativa de higienizar a cidade, expulsando as pessoas negras e pobres das áreas centrais. Essas pessoas, que realizavam os trabalhos necessários para o funcionamento da cidade, mesmo que de forma mal remunerada, perderam, de maneira contraditória, o direito de ter acesso à mesma cidade que ajudavam a manter. Então, quando falamos de racismo ambiental no Rio de Janeiro, estamos falando de uma exclusão planejada, que se reflete tanto nas políticas de habitação quanto na permissividade frente à vulnerabilidade dessas populações aos desastres naturais. A cidade que foi construída para ser "maravilhosa", ainda hoje reflete desigualdades que começaram nas caravanas.***3.3- Situação atual do Rio de Janeiro***

Apresentadora __: Então, já vimos que a urbanização no Rio fez muita gente migrar para áreas de risco, né? E olha só, hoje o Rio é um dos lugares com mais pessoas morando em regiões de risco de enchentes e deslizamentos no país.

Apresentadora __: Segundo o Cemaden, o Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais, são 925 mil pessoas no estado vivendo nessa situação. A maior parte dessas pessoas está na Região Metropolitana, que concentra 796 mil dessas pessoas. E só na capital, estamos falando de mais de 475 mil vivendo em áreas de risco.

Apresentadora __: E esse descaso pode ser provado por exemplo por um relatório feito pela Casa Fluminense divulgado em 2023, que mostra que 13 dos 22 municípios da Região Metropolitana do Rio não possuem sequer um Plano de Contingência de Proteção Civil. Para entendermos a gravidade disso, precisamos entender primeiro o que é Plano de Contingência de Proteção Civil. Nada mais é que um documento que define os procedimentos a serem adotados em caso de emergência, como incêndios ou vazamentos químicos. O objetivo é proteger a população, reduzir danos e prejuízos, e facilitar a resposta a desastres. E ainda tem mais: 8 de 12 cidades da Baixada Fluminense não têm planos de mitigação e adaptação às mudanças climáticas. Esses planos são fundamentais para a criação de ações concretas que visam mitigar e adaptar as cidades diante dos desastres ambientais. Por um lado, a mitigação significa reduzir os impactos das mudanças do clima diminuindo a emissão de gases de efeito

estufa. Já a adaptação diz respeito à antecipação dos impactos adversos e à atuação concreta para minimizar os danos causados pelas mudanças climáticas. Quando observamos os 13 municípios e 8 cidades da Baixada desamparados pelo Estado, percebemos a falta de representações políticas que defendam essas populações. Como consequência, em situações emergenciais, essas comunidades não têm a mesma capacidade de resposta.

Apresentadora __: Quando a gente reflete sobre essas desigualdades nos espaços urbanos do Rio de Janeiro, o que imediatamente vem à cabeça é essa sensação de que, para o poder público, algumas vidas parecem valer mais do que outras. A vida de gente que mora nas favelas, nas periferias, em áreas com riscos de deslizamento e inundação parece valer menos do que as vidas de quem mora da Zona Sul da cidade do Rio. E, para olhar para todo esse cenário, a gente pode usar o conceito de "biopoder", que foi pensado pelo filósofo francês Michel Foucault. Parece difícil ficar trazendo esse monte de conceitos, a gente sabe, mas na verdade não é nada diferente disso que já estamos discutindo.

Apresentadora __: Em resumo, o conceito de biopoder é o controle da vida das pessoas pelas instituições do Estado. Essa ideia está baseada na premissa de que o Estado é quem "faz viver e deixa morrer". Está bem, mas o que significa tudo isso? Em teoria, qual seria a função do Estado? O Estado deveria ser aquele ator que protege a vida das populações e que busca evitar ameaças que possam colocar em risco a vida coletiva. Faz sentido, né? Ainda mais pensando em um contexto de mudanças climáticas em situações de crise — como é o caso dos desastres ambientais — em que esse dever do Estado de proteger a vida deveria ser mais importante. Porém, o que a gente vê na prática é uma ausência de políticas públicas voltadas para as áreas marginalizadas — como é o caso das próprias periferias do Rio de Janeiro. O resultado dessa negligência é a ideia de que corpos pobres, negros e vulnerabilizados são deixados à própria sorte. É como se, para o Estado, esses corpos não merecessem a mesma proteção que outros corpos, pertencentes a grupos mais privilegiados. Entendeu a lógica do "fazer viver e deixar morrer"? É isso que Foucault quis dizer com o conceito de biopoder. E, diante do racismo ambiental, essa lógica de que certas vidas podem ser consideradas "descartáveis" se torna ainda mais gritante.

Apresentadora __: Mas eu acho que a gente ainda pode ir mais fundo nessa discussão. Isso porque toda essa análise de Foucault foi eventualmente ressignificada por um filósofo muito importante, chamado Achille Mbembe. Diferentemente de Foucault, que era um pensador francês, o Mbembe é um filósofo e cientista político negro vindo do Camarões. E o fato dele

partir desse lugar é muito importante para o pensamento que ele veio a produzir. Mbembe desenvolve sua teoria conversando bastante com Foucault, mas trazendo um novo tom para a conversa, em que ele dialoga com o contexto das periferias do mundo.. A partir disso, ele desenvolveu um outro conceito: o conceito necropolítica. Na necropolítica, o Estado não controla apenas a vida: o Estado também controla a morte. O Estado é quem decide não só quais populações serão protegidas, mas principalmente quais podem ser *sacrificadas*. Algumas vidas vão para além do descartável nessas zonas de sacrifício, pois passam a representar corpos/vidas "matáveis" Matável mesmo, no sentido de que são esses os corpos que podem morrer por causa dos eventos climáticos no Rio de Janeiro. O que a ideia de necropolítica pode ajudar a gente a pensar é que a falta de planos de contingência não é acidental ou colateral, mas faz parte desse sistema. Sistema que a ausência faz parte de uma política de exclusão, que privilegia algumas vidas e deixa outras para trás. E é assim que as desigualdades raciais e sociais se reforçam no exercício do poder.

, tornam-se descartáveis.

Apresentador __: Outro reflexo da política de "deixar morrer" é a falta de saneamento básico, que apesar de ser um direito constitucional ainda não é realidade para todos. Segundo levantamento do Instituto Trata Brasil, realizado em 2023, o Rio de Janeiro ocupa a 48ª posição no ranking nacional de saneamento, com apenas 59% de esgoto tratado. Além disso, apesar de 87,5% da cidade ter acesso à água, 700 mil pessoas ainda não possuem fornecimento regular. A consequência disso se evidencia em dados como os fornecidos na pesquisa de Peres e Bursztyn de 2016, de que apenas em 2022, cerca de 191 mil internações no Brasil teriam sido causadas por doenças relacionadas à água contaminada, refletindo as condições insalubres a que milhões de brasileiros, especialmente nas periferias, estão expostos.

Apresentadora __: E ainda tem as ilhas de calor que são um fenômeno climático que ocorre principalmente em grandes cidades, resultado da intensa urbanização. Nessas áreas, a grande concentração de asfalto, concreto e construções, como prédios e ruas, retém calor, elevando significativamente a temperatura em comparação com regiões menos urbanizadas. Esse efeito é agravado pela falta de vegetação e áreas verdes, que ajudam a equilibrar as temperaturas, e pela emissão de poluentes, que também contribuem para o aumento do calor nas cidades.

Apresentadora __: No Rio de Janeiro, esse fenômeno afeta a cidade de maneira desigual. Diferente da maioria das grandes cidades, onde o efeito das ilhas de calor é mais intenso nos centros urbanos, no Rio as áreas periféricas e de classe trabalhadora são as que mais sofrem com esse aumento extremo de temperatura. Um estudo realizado em 2000 revelou que as zonas mais afetadas, com temperaturas de superfície entre 54°C e 60°C, incluem partes do Centro, da Zona Norte, Zona Oeste, Jacarepaguá e o eixo entre Niteroi e São Gonçalo. Em algumas áreas, como Bangu, Caju, Inhaúma e Nova Iguaçu, as sensações térmicas ultrapassam os 60°C, sendo que Bangu, em particular, registra as maiores temperaturas da cidade.

Apresentadora __: Tudo isso reforça a urgência de políticas públicas que garantam o acesso ao saneamento para todos. A desigualdade no acesso a esses serviços não é uma questão isolada, mas um reflexo das estruturas de racismo ambiental que permeiam nossa sociedade. Combater essa desigualdade é garantir dignidade e qualidade de vida para todos, independente de onde morem, raça, gênero ou classe.

4⁰ BLOCO: Entrevista

Apresentadora __: E para ajudar a gente a entender mais sobre os impactos do racismo ambiental no Rio de Janeiro, o PETCAST tem a oportunidade de entrevistar alguns representantes dos Jovens Negociadores pelo Clima. **(adicionar nomes depois da confirmação)**

Referências

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BELMONT, M. **Racismo Ambiental e Emergências Climáticas no Brasil**. São Paulo. Instituto de Referência Negra Peregum e Oralituras, 2023. Acesso em 10 de out. 2024

BISPO, A. Do Ícone ao Pó: 100 Anos do Arrasamento do Morro do Castelo. **RioonWatch,** 31 dec. 2022. Disponível em: https://rioonwatch.org.br/?p=65028. Acesso em 10 de out. 2024

BULLARD, Robert. Enfrentando o racismo ambiental no século XXI. In: ACSELRAD, Henri; HERCULANO, Selene; PÁDUA, José Augusto (Org.). Justiça ambiental e cidadania. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004. 191. The quest of environmental justice: human rights and the politics of pollution. São Francisco: Sierra Club, 2005.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: Quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

ACSELRAD, H.; HERCULANO, S.; PÁDUA, J.A. (org.). *Justiça ambiental e cidadania.* Rio de Janeiro: Relume Dumará, p.40-68, 2004.

CASA FLUMINENSE. **Relatório Casa Fluminense: Panorama sobre a crise climática na metrópole**. Disponível em: https://casafluminense.org.br/wp-content/uploads/2024/05/Dados-e-informacoes-sobre-Justica-Climatica-Casa-Fluminense.pdf Acesso em: 07 out. 2024.

COSTA PINTO, L. A. **O Negro no Rio de Janeiro – Relações de raça numa sociedade em mudança.** Rio de Janeiro: EDUFRJ, 1998.

DICIONÁRIO DE FAVELAS MARIELLE FRANCO. **Testes:Racismo Ambiental**. 15 ago. 2023. Disponível em: https://wikifavelas.com.br/index.php/Testes:Racismo_Ambiental. Acesso em: 16 out. 2024.

DU BOIS, W.E.B. **The Suppression of the African Slave -Trade to the United States of America 1638–1870**. New York: Long- mans, Green, 1896.

FARBOTKO, Carol. **Climate change and forced migration: critical perspectives.** Geography Compass, v. 12, n. 7, p. 1-15, 2018.

FOUCAULT, M. (2008). **Nascimento da biopolítica**: Curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes. Acesso em: 14 out. 2024.

GELEDÉS. ***Racismo institucional: uma abordagem conceitual.*** São Paulo: Instituto da Mulher Negra, 2013.

GHOSH, Amitav. **The great derangement: climate change and the unthinkable.** Chicago: University of Chicago Press, 2016.

INSTITUTO TRATA BRASIL**.** Ranking do saneamento básico 2023: desafios para a universalização. São Paulo: **Instituto Trata Brasil,** 2023. Disponível em: https://www.tratabrasil.org.br. Acesso em: 10 out. 2024.

INSTITUTO TRATA BRASIL**.O que é Saneamento**. Disponível em: https://tratabrasil.org.br/o-que-e-saneamento/. [s.d.]. Acesso em: 14 out. 2024.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014. 199 p. Acesso em 10 de out. 2024

KLEIN, Naomi. **This changes everything: capitalism vs. the climate.** New York: Simon & Schuster, 2014.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica.** 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. 80 p. Acesso em: 14 out. 2024.

MCNAMARA, Karen Elizabeth; GERO, Anna. **A new perspective on the role of environmental shocks in forced migration.** Journal of Environmental Management, v. 246, p. 1-10, 2021.

MOTTA, Athayde. **Favelas – uma condição urbana de caráter nacional – Ibase**. 20 jun. 2022b. Disponível em: https://ibase.br/favelas-uma-condicao-urbana-de-carater-nacional/#:~:text=Com%20relação%20à%20composição%20em,e%2069%%20delas%20são%20negras. Acesso em: 16 out. 2024.

NIXON, Rob**. Slow violence and the environmentalism of the poor.** Cambridge: Harvard University Press, 2011.

PAIXÃO, C. **O uso do espaço urbano do Rio de Janeiro no início do século XX: engenheiros e populares.** Fortaleza. XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2009. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772005_da287213fd44e0a4a96b0fdfc082f372.pdf. Acesso em 10 de out. 2024

REYNOLDS, Lovinia. Uma Introdução às "Ilhas de Calor" Urbanas do Rio. **RioonWatch**, 1 dez. 2015. Disponível em: https://rioonwatch.org.br/?p=17193. Acesso em: 14 out. 2024.

ROSENTHAL, Joyce Klein. **Evaluating the impact of the urban heat island on public health:**: spatial and social determinants of heat-related mortality in new york city. 2010. 301 f. Tese (Doutorado) - Curso de Filosofia, Artes e Ciências, Universidade de Columbia, New York, 2010. Acesso em: 14 out. 2024.

SANTOS, Teresa. **Racismo ambiental: o que é isso?** 2022. Disponível em: https://www.invivo.fiocruz.br/sustentabilidade/racismo-ambiental/. Acesso em: 08 out. 2024.

SCABIN, Denise. **Racismo Ambiental**. 1 ago. 2023. Disponível em: https://semil.sp.gov.br/educacaoambiental/prateleira-ambiental/racismo-ambiental/. Acesso em: 15 out. 2024.

TRIGUEIRO, André. RJ tem 925 mil pessoas vivendo em áreas de risco de enchentes ou deslizamentos. **G1**, 25 fev. 2022. Disponível em: https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/02/25/rj-tem-925-mil-pessoas-vivendo-em-areas-de-risco-de-enchentes-ou-deslizamentos-diz-estudo.ghtml. Acesso em: 14 out. 2024.